

Vicente, Filipa Lowndes (2015), *Entre dois impérios – Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*

Hélder Garmes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/7060>
DOI: 10.4000/rccs.7060
ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 maio 2018
Paginação: 205-206
ISSN: 0254-1106

Refêrencia eletrónica

Hélder Garmes, « Vicente, Filipa Lowndes (2015), *Entre dois impérios – Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 115 | 2018, posto online no dia 15 maio 2018, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/7060> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.7060>



Recensões

Vicente, Filipa Lowndes (2015), *Entre dois impérios – Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*. Lisboa: Tinta-da-china, 362 pp.

O alentado estudo de Filipa Lowndes Vicente, intitulado *Entre dois impérios – Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*, levou mais de dez anos para ficar pronto e divide-se em duas partes, antecedidas por uma generosa introdução.

A primeira parte faz um percurso amplo pelos viajantes britânicos em Goa, desde os fins do século XVIII a meados do século XX, partindo das *Memórias orientais* (1813), de James Forbes, passando pela famosa narrativa *Goa and the Blue Mountains* (1851), de Richard F. Burton, pela presença em Goa em 1875 do então Príncipe de Gales (depois coroado Eduardo VII) narrada por William Howard Russell, assim como pelo relato de reverendo e administradores ingleses, chegando até a Segunda Guerra Mundial na voz narrativa da esposa de um oficial inglês, Annie Bremner.

A segunda parte focaliza a década de 1870 e os textos de outras duas mulheres: Isabel Burton (esposa de Richard F. Burton) e Katherine Guthrie (esposa do tenente-coronel Claude Urquhart Bremner), apontando para uma proposta de entrelaçamento do discurso colonialista com o estudo de gênero.

A introdução do volume apresenta ao leitor uma série de relatos de viagens que não puderam ser incluídos no trabalho por diversas razões. Destaca a importância que teve para os viajantes ingleses o estudo do reverendo Denis L. Cottineau de Kloguen, publicado em inglês em Nova Delhí em 1831, *An Historical Sketch Portuguese of Goa – The Metropolis of the Settlements in India*, base para o primeiro guia de

Goa em língua inglesa, *An Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*, publicado em 1878 por José Nicolau da Fonseca, presidente da Sociedade de Amigos das Letras de Bombaim. Ainda na introdução, a autora explicita uma das principais intenções de seu trabalho: tentar compreender o denominador comum presente nesses relatos de viagem. Nota que três temas se destacam em ordem de importância: 1) o sentimento de estranheza dos britânicos em relação às cidades goesas, que lhes pareciam uma “simbiose entre as culturas europeias e asiáticas, cristã e hindu, reconhecível e longínqua, familiar e estrangeira” (p. 32); 2) o entendimento de que o empreendimento colonial dos portugueses em Goa era um equívoco a ser evitado pelos ingleses, que poderiam aprender com a história daquela colônia para não cometerem os mesmos erros; 3) as vantagens que Goa teria em se transformar em uma colônia britânica.

No que concerne aos textos de mulheres viajantes inglesas, Vicente ressalta o apagamento a que foram submetidos na história britânica e explicita sua preocupação em estudar os relatos de Isabel Burton e Katherine Guthrie enquanto discursos cujo lugar de enunciação é o da mulher, mas não exclusivamente dessa perspectiva. A autora, que não identifica características intrínsecas a uma escrita feminina ou a uma escrita masculina, reconhece que “o lugar a partir do qual se escreve pode gerar diferenças de gênero visíveis na escrita. E esse lugar é, sem dúvida, um lugar diferente para as mulheres e para os homens do período

em questão” (p. 213). Toda a segunda parte do livro é dedicada a demonstrar a especificidade desse lugar ocupado pelas duas escritoras, isto é, um lugar em que lhes é vedada a autoridade de cientistas, ainda que atuem dessa forma e reproduzam, tal como os homens, a ideologia colonial do império. Vicente considera, ao final, que a comparação entre as configurações imperiais britânica e portuguesa seja determinante para estudar a história de Goa desse período.

Autora de *Outros orientalismos – A Índia entre Florença e Bombaim 1860-1900*

(Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009), que já abordava bibliografia relativa a viagens na Índia Britânica, o presente livro representa uma grande contribuição para o entendimento da visão que os ingleses tiveram de Goa nos séculos XIX e XX. Deixa em aberto a questão de o quanto essas imagens podem ter interferido na própria história goesa, lançando luz, no entanto, para a realização dessa profícua leitura.

Hélder Garmes

Hélder Garmes

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, CEP: 05508-900, São Paulo, Brasil

Contacto: helder@usp.br
